

## REFLEXÕES SOBRE O ARQUIVO PRIVADO DA ESCRITORA BAIANA MADY CRUSOÉ

*Ionã Carqueijo Scarante* (UFBA/IFBaiano)  
ionascarante@hotmail.com.

*Rosa Borges dos Santos* (UFBA)  
[borgesrosa66@gmail.com](mailto:borgesrosa66@gmail.com)

### **1. Considerações iniciais**

O trabalho que ora se apresenta compõe os estudos realizados para a tese de doutoramento, que será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos, cujo objeto é um conjunto de manuscritos relacionados à obra *Pedaços de Vida* da escritora Baiana Mady Crusoé (1914-1997), que pertencem ao seu arquivo particular, localizado na sua residência, em Nazaré, cidade situada no Recôncavo Baiano.

O foco deste artigo é o arquivo da escritora que é composto por fotografias que narram sua trajetória de vida, documentos pessoais, cartas que dão conta da recepção da sua obra, manuscritos literários, recortes de jornais da época em que contribuiu para a imprensa baiana. Faz-se uma breve descrição do material que o compõe e apresentam-se reflexões, considerando a intenção autobiográfica; a variedade material da escrita; as cartas como espaço textual privilegiado composto por elementos significativos referentes à recepção crítica da obra; as fotografias que narram importantes episódios de sua vida. Todos esses elementos observados reforçam o valor social do arquivo da escritora em questão.

### **2. O arquivo madyano: uma intenção autobiográfica**

A casa da escritora Maria Madalena Crusoé, Mady Crusoé, está situada no alto de um monte e tem uma vista privilegiada da cidade de Nazaré – BA. Trata-se de uma casa bem grande, branca, de muitas janelas azuis, e rodeada por uma extensa área verde. Subir até a casa significa não só descortinar a vida da sua dona, mas descortinar a vida de uma cidadezinha do interior, com seus casarios e igrejas do século XIX que ajudam a compor parte da história do Recôncavo. Toda a casa é componente de um patrimônio e de uma memória da cidade formado por ele-

mentos que se destacam aos olhos do filólogo, quais sejam: os quadros na parede, a presença do cônego Getúlio Rosa (sacerdote de Nazaré e região, venerado pelo povo e pai adotivo da escritora), presença impregnada na sua mobília sacerdotal, nas bíblias em latim, no cálice companheiro de tantas pregações; a cômoda de três gavetas onde estão guardados os manuscritos da autora; todos esses elementos são genuínos signos de identidade do povo de Nazaré, pois contam não só a história de vida da escritora e a gênese de sua obra, mas compõem um importante patrimônio cultural. Estudar este arquivo é trazer à cena esses elementos.

Nesse arquivo em que a vida da escritora está estática, construiu-se a sua imagem. Segundo Artiéres (1998, p. 11),

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossa vida em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens.

Daí a importância do trabalho do filólogo, o qual com base em critérios metodológicos apresenta uma leitura sobre os textos estudados, legitimando a sua posição de crítico, trazendo para outra época o texto e a sua memória, atualizando-o. Como asseguram Borges e Souza (2012, p. 25), “o texto é, portanto, um produto cultural carregado de significação e, desta forma, torna-se um caminho para estudar diferentes relações” – o que evidencia o caráter multidisciplinar da filologia – que envolve a crítica textual, a crítica genética, a bibliografia textual, a sociologia do texto, a linguística, os estudos literários e a história cultural. E assim o filólogo vai além da superfície do texto, exerce um papel historicista, já que seu estatuto deve ser o de crítico. “Em síntese, o trabalho do filólogo é o resultado das ações de ler, interpretar e editar textos” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 27).

O arquivo da escritora Mady Crusoé mostra a forma como sua vida e obra foram arquivadas e conservadas pelos seus familiares, e, sobretudo, a maneira como ela trabalhava seus textos, metamorfoseando-os até o seu estado definitivo.

Com a técnica da arquivística, poder-se-á tratar da organização e da catalogação sistemática do material que compõe o espólio da autora. Esta técnica disponibiliza para o crítico, fontes importantes para compreensão do processo de construção e de transmissão de sua obra, respaldando, assim, o estabelecimento do texto crítico. Além disso, ao trazer à tona essas fontes, o filólogo mostra o testemunho da representatividade da escritora no âmbito intelectual, histórico e cultural do seu tempo. Des-

se modo, um arquivo particular tem um sentido monumental e histórico, guardam-se as memórias do seu titular e as memórias de sua época para as gerações futuras, contando-se muito mais do que se imagina.

Desse modo, há no arquivo particular, certamente, uma intenção autobiográfica, pois ao serem catalogados seus rascunhos de trabalho, suas cartas, fotografias, documentos, o sujeito arquivado mostra a imagem que tem de si e como deseja ser visto pelos outros. Por isso, arquivar-se é “uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

Nessa perspectiva, os bastidores da criação madyana são levados ao conhecimento do público por meio da leitura e da análise de seus rascunhos que revelam o que o texto definitivo não consegue mostrar: como ela desenvolveu o projeto do seu livro, e como se deram os movimentos da sua escrita – os recuos, as indecisões explícitas nos borrões e nas anotações marginais – que vão demonstrar o fulgor, a paixão do processo de construção de sua obra. Tudo era retrabalhado, filtrado, reescrito, repensado, até chegar ao que ela consideraria perfeito para ser apresentado ao público.

### 3. *Os manuscritos arquivados de Mady Crusoe*

Não se pode falar do arquivo particular da escritora Mady Crusoe, sem falar de seus manuscritos literários. A noção de manuscrito que norteia esse estudo vai além daquela do texto escrito à mão, pode ser o datiloscrito ou todo e qualquer documento controlado pelo autor. O manuscrito é aqui compreendido como o original, o documento primário. Desse modo, o original deve ser entendido como o texto escrito pelo autor ou controlado por ele. O original pode ter a forma de um manuscrito, um datiloscrito autógrafo, ou um impresso revisado pelo autor (quando assim acontece) e publicado sob a sua responsabilidade. Conforme Almuth Grésillon (2007, p. 55) o manuscrito “antes de tornar-se objeto de conhecimento, é primeiramente um objeto cultural”, que “testemunha o labor do escritor” bem como a sociedade em que foi construído.

O crítico ao se debruçar sobre os papéis da escrita de Mady Crusoe pode ter uma ideia muito clara de como se deu o processo de criação de seu livro *Pedaços de Vida*. Notam-se nesses papéis avulsos e cadernos, já amarelados e vítimas da ação dos fungos, as vacilações, rejeições, emendas, interpolações que configuram a gênese do seu livro. Constitu-

em expressivo material para o trabalho da crítica textual e da crítica genética, já que se trata de uma obra com um percurso de criação bem registrado, com muitas anotações sobre o projeto do livro, sobre a escolha do título e a organização cronológica dos textos que escreveu vida a fora. Ela cita até o nome de quem deveria consultar sobre a organização dos elementos pré-textuais do livro, e faz anotações à margem dos textos sinalizando que já havia passado a limpo, e também faz anotações saídas de dicionários.

Além desses papéis avulsos e cadernos, há no arquivo, em pastas-catálogo, recortes de jornais da época que apresentam textos assinados pela autora, a maioria deles com pseudônimos, quais sejam: Madame X, Mariza, Amy. Há, também, o datiloscrito, do livro *Pedaços de Vida*, primeira versão integral do livro, mas falta nele o poema Nazaré Primavera. Desconfia-se que esse poema foi esquecido pela autora ao datilografar e posteriormente foi enviado à editora em folha avulsa, manuscrita, para ser acrescentado ao livro.

Há, portanto, cinco campanhas visíveis de escrita do livro: (i) páginas avulsas manuscritas dispostas em catálogos sem a preocupação com a ordenação cronológica e sem data da criação, junto a recortes de jornais em que o texto foi publicado; (ii) um caderno em brochura com textos manuscritos apresentando algumas rasuras, substituições, emendas, acréscimos de palavras nas entrelinhas; (iii) um caderno espiral com textos passados a limpo que se fazem presentes no livro impresso – nota-se no canto superior direito das páginas dos cadernos e até das folhas avulsas a palavra *já*, escrita pela autora indicando que o texto já havia sido revisado ou passado a limpo; (iv) um datiloscrito encadernado com todos os textos do livro, com exceção do poema Nazaré Primavera, com correções autógrafas; (v) a obra impressa.

Pode-se inferir pelas cores da tinta das canetas utilizadas, que nas fases de correção Mady Crusoé foi fazendo alterações em ocasiões diversas, retirando excessos, fazendo ajustes, acrescentando ornamentos, de forma a tornar seus textos mais atraentes.

Apesar de a grande maioria dos escritores não escreverem sobre os caminhos da sua escrita, os textos preservados em seus arquivos particulares são testemunhos da árdua e solitária luta que se trava nos balbucios do texto e que, comumente, não chegam ao grande público. A observação das muitas versões de um mesmo texto da escritora em estudo traz a constatação de que há textos e não um texto.

Aos olhos do filólogo, um documento diz mais do que o texto final do autor. Para Duarte (1997, p. 11), por ser o manuscrito “veículo da transmissão da escrita de conhecimentos” ele “não pode ser desligado da História e deverá ser encarado numa relação íntima com a evolução dos valores sociais e culturais” (DUARTE, 1997, p. 11).

#### **4. Autobiografia material da escritora: cartas e fotografias**

Toda a variedade material de escrita de Mady Crusoé localizada em sua residência, que abrange os cadernos, os papéis avulsos, os datiloscritos, as cartas, os documentos pessoais e as fotografias, compõe o que se poderia chamar de “autobiografia material” (SANCHES NETO, 2011, p. 74) da escritora. A intervenção de um crítico faz com que a autobiografia seja ordenada, reescrita, dada a ler. Assim, conservar e transmitir os conteúdos desse arquivo vai além de ordenar os papéis, de digitalizá-los, mas fazer com que ele se torne ativo, possibilitando outras leituras.

Ao abrir as gavetas do arquivo madyano, percebe-se que a autora produzia em diversos ambientes: em viagens rápidas, no horário de intervalo do trabalho formal como professora ou delegada escolar. Seu arquivo demonstra que ela era uma colecionadora de anotações, veem-se os retalhos da sua escrita, imagens avulsas de sua convivência familiar, de suas memórias, das suas relações sociais bem registradas em algumas cartas que recebeu, nos rascunhos dos discursos que proferiu em cerimônias em sua cidade e nas anotações no verso de suas fotografias.

No arquivo da escritora em estudo encontram-se materiais colhidos de leituras feitas, como o caderno em que ela escreveu poemas de autores diversos da literatura brasileira e deu de presente ao seu esposo, o seu arconte, aquele que pacientemente cuidava do seu arquivo, recortava e catalogava textos que a esposa publicava em importantes jornais baianos, quais sejam: *O Conservador*, *A Tarde*, *O Imparcial*.

Quanto às cartas presentes no arquivo, algumas podem ter se perdido ao longo dos anos, outras podem ter ido parar no lixo em algumas arrumações; já outras foram conservadas e arquivadas e ajudam a apresentar a autora e sua obra, certamente em razão do conteúdo contido nelas.

A carta, como assegura Wander Melo de Miranda (2011, p. 119), “é um espaço cultural privilegiado”, pois “pelo gesto mesmo da escrita,

age sobre aquele que a envia, bem como age, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe” (MIRANDA, 2011, p. 119). As cartas endereçadas a Mady Crusoé, podem ser separadas em dois grandes blocos: as cartas que recebeu na juventude quando era interna numa escola em Salvador, todas de sua mãe Elisa, e as cartas que dão conta da recepção da sua obra *Pedaços de Vida* (1993). Ao longo dos anos, essas cartas assinalam um tempo que não volta mais: a presença de sua mãe, as relações de amizade, a contribuição generosa dos seus leitores para a recepção crítica de sua obra.

Em carta, datada de 12 de março de 1928, a mãe de Mady Crusoé, Elisa, conta-lhe novidades, fala-lhe do agravamento de sua saúde e dá-lhe, mãe zelosa, conselhos referentes aos estudos e ao comportamento no colégio em regime de internato em que estudava na capital baiana: “Você não perdeu nada em não sahir pelo Carnaval, minha filha!.. [...] Peça a N. Senhora que se compadeça de mim, e estude muito é o que quero que V. pense, mais não em festas e passeios” [...] (FERREIRA, 1928, f. 1).

Vale a pena a citação de um longo trecho de uma carta enviada pelo padre e escritor Edmilson Ribeiro, quando lhe escreveu a 9 de novembro de 1993, da cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Nela registra as impressões sobre o livro *Pedaços de Vida*, uma recepção crítica da obra, ao ressaltar o trabalho da autora no cenário cultural do Recôncavo Baiano:

Nada é mais gratificante em Nazaré do que ter a amizade de sua família. Nada é mais revelador do que sentir a *finesse* do seu tratamento humano quando se subia ao Monte Belo para alguma comemoração ou mesmo nos contatos na Igreja, Rotary ou mesmo Colégio Estadual. [...]

Fiquei encantado com a publicação de *Pedaços de Vida*, pois nele há um filtro especial de alguém como você Mady, que é capaz de traduzir com palavras doces até os tempos amargos, mas deixar ficar a Nazaré soberba, a folgazã de outras eras, onde a sociedade primava na cultura e no respeito aos valores morais da cristandade. Você soube filtrar de uma maneira meiga aquilo que ninguém destrói, nem acaba num povo, o seu orgulho, a sua história. Aquilo que parece velharia em Nazaré é a história do Recôncavo, contada em lendas, mas com pitadas de realismo, porque às margens do Jaguaripe, um povo se manteve coeso na tradição e na fé dos seus ancestrais. [...] (RIBEIRO, 1993, f. 1).

O tom confessional da carta faz dela um espelho. Nela, o sujeito se desvenda. “Escrever é mostrar-se, fazer-se ver e fazer aparecer a própria face diante do outro” (MIRANDA, 2011, p. 119). Nas muitas cartas localizadas no arquivo, retratos da escritora e do seu ambiente familiar

são delimitados, têm-se momentos da sua juventude e dos últimos anos de sua vida.

Além de cartas, há muitas fotografias misturadas aos textos, são muitas imagens de comemorações em família, imagens do padre Getúlio, seu padrinho e pai adotivo, imagens antigas da cidade de Nazaré, imagens do lançamento do seu livro em Nazaré e em Salvador. As fotos narram momentos importantes da vida da escritora e quase todas apresentam no verso uma descrição e a data de quando foram feitas. É a fotografia um pequeno arquivo. Na imagem-arquivo a memória dos familiares é ativada, não há como eles esquecerem o que significaram aqueles momentos congelados na imagem; ela traz a lume a memória. Assim o conjunto das fotografias são lugares de memória por excelência.

Desse modo, o documento não é inocente, nem tampouco é organizado de forma aleatória no arquivo. Ele “é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época e da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio” (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

## 5. *Considerações finais*

O presente trabalho descreveu brevemente o arquivo particular da escritora Mady Crusoé. Defende-se que o espólio de um escritor não é para ficar em gavetas. Mas também não basta arrumar, e digitalizar seus manuscritos, é necessário ler o arquivo, interpretá-lo, dá-lo a ler. Nenhum escritor pode ter como destino permanecer engavetado. O que para muitos são papéis velhos, pode ser transformado em um valioso bem público, patrimônio cultural de uma comunidade. E como bem público, o arquivo pode promover, ainda mais, a obra e a imagem do escritor, além de possibilitar investigações teóricas, críticas e históricas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Vol. 11, n. 21, 1998, p. 09-34.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica* Salvador: Quarteto, 2012, p. 15-59.

DUARTE, Luiz Fagundes. Manuscritos: para que servem. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 20, set./1997, p. 11-20.

FERREIRA, Elisa Carvalhal. [Carta] 12 de março de 1928, Nazaré, BA [para] MADY. Salvador. 1 f. Fornece notícias de si e de familiares e dá conselhos.

GRESILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética*: ler os manuscritos modernos. Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al.; supervisão: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Edufrgs, 2007.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad.: Irene Ferreira et al. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. O apagamento do arquivo modernista. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

RIBEIRO, Pe. Edmilson. [Carta] 9 de novembro de 1993, Natal – RN [para] CRUSOÉ, M., Nazaré – BA, 1 f. Impressões sobre o livro *Pedaços de Vida*.

SANCHES NETO, Miguel. Autobiografia material. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho*: processo de criação de uma tese de doutorado. Salvador: Instituto de Ciência da Informação, 2005, 230 p.